



ESCOLA

INSTRUIR é grangear para a pessoa conhecimentos que, assimilados, lhe fundamentem uma cultura própria — o bem mais precioso e intocável de quantos possam vir a ser propriedade sua.

Instruir é a primeira função da Escola. É só por si uma função tão séria que exige de quem a empreende uma disponibilidade de competência e de dedicação que promova um ambiente austero (que pode e deve ser também risonho!) indispensável a um trabalho eficaz, tanto mais quanto tem de contar com resistências naturais daqueles a quem se dirige mercê da sua pouca idade.

O *insucesso escolar* vem mais de cima para baixo do que ao contrário

como, às vezes, se pretende empolar. A permissividade quanto às faltas dos alunos, por exemplo, é grave. Mas prejuízo muito mais grave é a falta dos professores, os «furos» que quase *normalmente* recheiam os horários escolares, sobretudo no início dos anos lectivos quando as férias parece que feriram de morte a continuidade de uma orgânica que não devia sofrer hiatos.

A fragilidade na avaliação — outro exemplo — culminando nas «passagens administrativas», de direito que sejam ou de facto que são, é outro ponto vulnerável que acaba por vitimar a população escolar e, entretanto, além da falta de estímulo que

lhe constitui, lhe dá aso a reacções como as recentes às provas globais. Se a primeira função da Escola é instruir, não tem ela o dever de se provar e de provar que a função foi cumprida?

Esta inverdade, a insanidade da Instituição Escolar, tornada lugar de reivindicações e de polémicas, onde tantas vezes se põe o acento tónico nos acidentes e se deixa na atonia a substância dos problemas, frustra uma segunda função da Escola — que chamo de segunda apenas por ordem lógica e digo concomitante à primeira como realidade devida — a função de educar. Esta não pertence só à Escola, mas também lhe pertence; e porque mais abrangente, não pode excluir-se da função de instruir, esta parte da segunda.

Ora tal como em casa de família em que os pais se não entendem, nomeadamente nos critérios de educação dos filhos, a educação não se faz, assim

Continua na página 4



O grupo dos professores da Casa do Gaiato de Moçambique

Património dos Pobres

Família numerosa

SAIMOS de casa, manhãzinha, em direcção a dentro do Alto Alentejo. A primeira paragem foi em pequeno largo, em frente de bloco de habitações. Na fronteira havia uma pedra «Padre Américo» e outra «Património dos Pobres». Era ali para onde os vicentinos da vila tinham chamado a nossa atenção: uma família em grandes aflições.

Junto à porta estava a mulher-mãe com o filho mais novo. Logo se identificou. Criou doze filhos e ainda tem seis com ela. Três andam na escola e os outros trabalham quando surge trabalho. Na vila só aparecem dias no campo ou nas obras. Ela e o marido estão reformados por doença.

Disse da carência da sua habitação. Compartimentos muito pequeninos. Pé direito muito alto e o forro posto por cima dos barrotes do telhado. Quarto de banho muito acanhado, onde só cabe a sanita. No pequenino quintal tiveram de fazer habitação. Entrámos e fomos ver. Tudo certo.

Disse que tinham pensado em fazer um pequeno sótão aproveitando o alto pé direito mas... «até pensámos pedir uma ajudinha aos gaiatos de Lisboa». Tocou-nos o coração. Os alentejanos, enganados, acreditam que todos os auxílios vêm de Lisboa.

Estávamos em frente do testemunho de Padre Américo gravado na pedra. Estávamos ao serviço do Património dos Pobres também gravado. Deixámos uma palavra de esperança comprometendo-nos a dar-lhes uma *ajudinha*. E partimos.

Casal sem filhos

UM longo percurso levou-nos a cidade fronteiriça. Estava à nossa espera um casal amigo sem filhos, com muita pena de ambos. Enchem as suas vidas com as de Outros. Herdaram a casa dos pais, onde nos serviram o almoço. À mesa falámos das crianças e dos

Continua na página 4

SETÚBAL

Adoptar famílias degradadas

QUANDO, numa destas quintas-feiras, passava por entre o numeroso grupo de famintos à espera, sentados nas escadas da porta larga do nosso Lar, encostados à parede, de pé, e em magotes a conversar, quando entrava, dizia eu, ouvi a meiga voz de uma mulher para as suas companheiras de pobreza e desgraça, fitando-me com um olhar de Senhora: — *Conheci-o tão novo!*

Humilhado e dorido por ver irmãos no mesmo estado de carência desde que há várias décadas me apreciam, senti naquela carinhosa frase um agulhão que espetava a minha consciência, amargurando-me profundamente: — Há tantos anos a repartir pão e impossibilitado de dar a mão!

Distribuir o alimento ainda é possível. Promover, é-me vedado pelo contínuo cuidado indispensável aos meus rapazes e a outros compromissos com Pobres também.

Fomentamos a pedincha nas ruas!

Nós fomentamos a pedincha nas ruas! Tantos dos que hoje pedem em cantos e esquinas, semáforos, paragens de autocarros e comboios, são filhos, netos e bisnetos de outros que levaram a vida a esmolar sem que, na sua casa, nunca, ninguém, com força e determinação, visitasse a sua família para os amparar, levar à escola, fomentar a ordem, a higiene e a habitação, numa palavra, o sentido da dignidade humana. Ninguém.

É mais cómodo matar a fome do corpo. Nunca a do espírito foi tão aguda e disfarçada.

Os rapazes ajudam a distribuir os viveres. A Teresa e a empregada organizaram a partilha. Duas senhoras piedosas vêm, todas as semanas, àquela hora cooperar.

Pôr remendos. Isto é, pôr remendos em pano velho. Justificava-se quando a gente andava com a roupa remendada. Agora não. Hoje, entre nós, se há quem use vestuário com consertos, fá-lo por *luxo*, não por necessidade.

Obra de misericórdia: dar de comer a quem tem fome

Dar de comer a quem tem fome continua a ser uma obra de misericórdia. A esmola continua a cobrir a multidão dos pecados. Ai de nós, se assim não fosse! Morreríamos todos vítimas da fome. A suficiência da nossa Casa brota daquela fonte. Também é por isso que repartimos; mas gostaríamos de o fazer de outra maneira e com outro objectivo — que o sustento do corpo fosse também comida do espírito, alento da promoção e fuga da miséria. Não me aflige somente a causa dos Pobres que continuam em progressiva degradação, mas também a causa da tua salvação, tu que porfias instalar-te cada vez mais. É por isso que o meu grito não ecoa no teu coração.

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

MÃE SOLTEIRA — Vem de longe, a caminho da botica, por mor duns remédios. Cansada. Os anos, a distância...

— *Vou sentar-me.*

Suspira fundo e marca um silêncio d'ouro.

— *Sabe?, o meu coração já não aganta!*

É mãe solteira, mas criou os filhos — em tempos de fome — quando eram praticamente excluídas do meio (em que viviam).

No caso vertente, os pais rejeitaram situações criadas. Fugiram. Em parte, deixam sempre nas mãos delas o fruto de encontros fortuitos ou de mancebia.

Poderíamos ir longe. O tema é vasto e grave, pois hoje a *libertinagem* motiva estranhos comportamentos — como se tudo fosse natural!

CONVICÇÃO — Aquela Pobre que abriu a nota, dissemos, marcou um silêncio d'ouro na hora própria. No altar dos Pobres *cimentam-se* as Verdades da Fé, da Esperança:

— *Rezo muito também por quem me dá a mão. Agora, mais...*

À sua maneira, disse porquê. E justifica como se lesse a Bíblia, ela que é analfabeta! — *Tudo é possível à nosso Deus...*

É assim no reino dos Simples. Pelo testemunho, pela convicção, pela palavra. O reino dos Pobres é o reino de Deus!

PARTILHA — A remessa habitual do assinante 42971, de Ovar: «*Entreguem o valor deste cheque (6.000\$00) aos Pobres da Conferência como melhor entenderem, aos mais necessitados e envergonhados, por diversas intenções minhas que Deus sabe e Nossa Senhora também. Não precisam agradecer.*»

Assinante 31104, de Lisboa: «*Sei que estão à espera, mas é gratificante para a minha alma não me esquecer. Mando um cheque para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Que esse pouco sirva para suavizar as dificuldades que eles têm nesta vida. Mas estou convencida que o que é dado com amor rende mais. E Deus tenha em bom lugar os que perdi. É o meu desejo.*»

Mais um cheque, de Santa Cruz do Douro, com muita amizade cristã.

Mais outro, da assinante 57002, de Matosinhos: «*Embora um pouco atrasada, envio esta pequena ajuda (15.000\$00) para os Pobres, referente ao mês de Outubro. Infelizmente há tanta necessidade que a minha pequena migalha pouco aliviará, mas com a ajuda do Senhor e junta a muitas outras, então será possível minorar as carências de alguns dos nossos Irmãos. Peço uma oração por mim e pelos meus familiares. Pel'O GAIATO tomarei conhecimento da recepção do donativo.*»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

UMA PRESENÇA — Tivemos no seio da nossa comunidade o Senhor D. João, Bispo auxiliar do Porto.

Quando chegou a nossa Casa a malta deu-lhe as boas vindas, na Capela. Em seguida fez uma pequena palestra e no fim uma oração.

Também almoçou connosco no refeitório. Correu tudo bem.

Veio fazer a visita pastoral à paróquia de Paço de Sousa e administrar a Confirmação (Crisma) a centenas de jovens desta freguesia, no Mosteiro que fez mil anos de existência.

UM GRUPO — No dia 8 de Outubro recebemos um, de Lousada: Associação Social Recreativa e Cultural de Cristelos.

Divertiram-se com a malta, principalmente com os mais novos. Fizeram um concurso, entre eles, um *Mini-chuva de Sortido Húngaro*. São muito boas as bolachas! Aqui fica o nosso obrigado.

OBRAS — Sempre muito trabalho. Agora, os trolhas estiveram a arranjar janelas e portas, pondo vidros para substituir os partidos.

A nossa caldeira tem outro visual. Os pedreiros reconstruíram-na e estão a fazer um forno para queimar quase todo o tipo de lixo, para assim aquecer melhor a água.

OFERTAS — Agradecemos às pessoas que sempre nos têm ajudado com as suas coisinhas boas: alimentos, roupas, na



Mãe Preciosa, de Paço de Sousa, acompanha os filhos carinhosamente.

amizade e na partilha dos donativos. Há semanas ofereceram uma grande quantidade de *Sortido Húngaro*. São muito boas as bolachas! Aqui fica o nosso obrigado.

MAIS UM IRMÃO — Chama-se Libério Alexandre, veio de Lisboa e tem doze anos.

AGRICULTURA — Depois da silagem do milho, agora preparam os campos para a sementeira da erva. Na horta os trabalhos têm corrido bem, com os produtos em crescimento.

«Vitinho»

FUGITIVOS — Hoje ficámos sem dois irmãos: o Nuno (*Tulipa*) e o Ivo.

No sábado espalhou-se a

notícia de que um membro da família os veio buscar. Esperamos um regresso breve.

O Vitó também fugiu. É perito neste assunto. Há dias, no fim da oração da tarde, o nosso Padre Carlos informou que o Vitó fora encontrado num bairro do Porto, espancado e com os dois braços partidos, etc. Quem foi? E porquê? Ninguém sabe responder.

Esperamos que ele recupere, pois já regressou a nossa Casa. E como ele está!...

Há quinze dias atrás debrucei-me sobre os familiares que visitam os miúdos e depois levam-nos...!

FOLHAS — Há muitas por toda a parte!

Em nossa Casa, as folhas por esta altura do ano predominam, em grande abundância, nos caminhos e jardins. Estão cons-

tantemente a cair quando o vento sopra forte!

Por vezes toma-se bonito ver o chão coberto delas, mas também é chato varrê-las. Os miúdos da lenha que o digam. É mais uma presença do Outono.

DESPORTO — No dia 8 recebemos uma equipa juvenil da Associação Social Recreativa e Cultural de Cristelos (Lousada). Um jogo que não teve história. E os nossos miúdos deram uma *lição* de futebol e como se marcam golos.

No fim do encontro, todos contentes por terem ganho por 13-0 e também por ser o primeiro jogo da época.

No domingo, a equipa sénior recebeu uma equipa de Cête (Paredes). Ao princípio as duas equipas equilibravam as forças,

mas no decorrer do tempo o jogo teve muito interesse. A nossa formação mostrou ser a mais criativa e organizada. Resultado final: 5-0.

Mais duas vitórias — uma no sábado com a equipa do Grupo Desportivo Estrelas Vermelhas de Silvalde (Espinho): 8-1. E outra no domingo com uma equipa de Valongo: 6-1. Mais uma vez demonstrámos concentração e espírito de grupo.

Repórter x

TOJAL

ESCOLAS — Marcaram as datas para os primeiros testes. Outros já trouxeram as suas desgraças ou alegrias. Tudo depende de como os alunos estudaram ou estiveram atentos às aulas. Temos sete rapazes a frequentar o nono ano. Esperamos que este decorra da melhor forma para que, no fim, possam optar: continuarem a estudar ou enveredarem por algum curso profissional.

FUTEBOL — Estamos a preparar a equipa para o torneio Inter-Casas. Vários torneios disputados entre as Casas do Gaiato. Mas, pelos vistos, parece que ainda não nos preparamos de todo, pois faltam redes para as nossas balizas. Esperamos que algum grupo desportivo, dos muitos que há no País, nos ofereça redes que tenham a mais e, se possível, algum equipamento desportivo.

Temos uma boa equipa, mas sem adversários! Façam o favor de comunicar a vossa presença para o seguinte endereço: *Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — Santo Antão do Tojal — 2670 Loures*; ou telefonem para o (01) 9749019, aos sábados, falando com Luís Miguel Fontes ou Ângelo Duarte Ferreira, que marcam os jogos.

FESTAS — Já começámos a ensaiar para a nossa festa de Natal. Com certeza não daremos «barracada» às pessoas que vierem assistir à récita.

Já começámos também a preparar algumas peças e poemas para as nossas Festas grandes a realizar em Abril, Maio e Junho/95 em diversas terras do País.

Joaquim Miguel F. Pinto



Mais dois «Batatinhas» de Moçambique

Bilhete postal

DECORRE o Ano Internacional da Família, consumindo toneladas de papel e de *decibéis*. Ai de nós se, de tudo quanto se faça ou diga, não resultar algum fruto para a Família, para a Humanidade!

No dia 23, deste mês, Pai Américo faria 107 anos.

Ao jeito de pequenino e discreto bilhete-postal, expressamos aqui — n'O GAIATO que foi seu *Diário* — os parabéns de milhares de *filhos* que lhe passaram pela mão, que fez *ressuscitar* da lama.

Pegamos na efeméride para acentuar a sua condição de Padre. De Pai de legiões

de crianças sem famílias porque inexistentes ou destroçadas. Como Sacerdote, trilhando o caminho dos discípulos do Mestre, curiosamente seguiu as directrizes de Paulo de Tarso a Timóteo: — *Proclama só o Evangelho...* O seu único Livro de Vida. «*Temei os homens dum só Livro!*» — disse Pai Américo.

Na missão de Servo dos Pobres recomenda às famílias, aos povos: «*Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão.*»

Temos saudades da sua capa — abençoada pelos Pobres — que a todos resguardava do frio, das intempéries...!

Júlio Mendes

MOÇAMBIQUE

Estruturação da nossa vida

HÁ meses que pusemos travão a mais entradas. A instabilidade de alguns parece ter acabado com a saída de três mais velhos: cozinheiro, tractorista e pedreiro. Os três já pediriam caminhar por seus meios se houvesse trabalho. Um pelo menos continua na rua. Começou um tempo de estruturação da nossa vida interior. Ia dizer da nossa democracia caseira. *De rapazes, para rapazes, pelos rapazes*, como Pai Américo definiu as Casas do Gaiato.

Há um chefe, o Samuel, que carinhosamente os rapazes chamam o *mano Samuel*. Ninguém os ensinou. Eles é que entenderam que é assim. Durante a manhã toma conta, aqui na Massaca. Há gente de fora a trabalhar: na costura, a lavar roupa, na horta, na carpintaria. Os nossos, na cozinha e nas limpezas da Casa. Tem uma mota, um pouco cansada, para qualquer imprevisto. Freqüenta a sétima-idade na nossa escola. De tarde, Jorge

Mário. A mesma tarefa. Outros chefes vão despondo com brio no governo dos seus grupos. A mudança que se avizinha rapidamente, com o andar das obras marcará nova etapa no nosso ser de Casa.

Nas obras ainda não entrámos em acabamentos, mas vamos traçando planos para ocupação. Vai começar o reboco na casa dos mais pequeninos. O edifício maior da casa-mãe, em metade está na altura das janelas; na outra, sai dos alicerces, mas há muito a fazer para levantar o resto.

O grupo de trabalho está estruturado, praticamente, conforme o Quim o deixou. Aumentou o grupo dos nossos rapazes aprendizes, além de serralheiros e carpinteiros, já a trabalhar em função das obras; estão outros, de manhã e de tarde, com o electricista e o canalizador e na armação do ferro. A maioria com os pedreiros. Já andaram alguns nos blocos, mas o chapisco do edifício foi quase só deles.

Agora, quando posso estar, fico cheio. E andam contentes. Se é preciso buscar qualquer

coisa, correm; os mais pequeninos, das padiolas, quase deram cabo delas. E há montanhas de pedra a transportar. No princípio as mãos sofreram... Alguns vinham mostrar. Agora quando tomo a mão de um mais pequeno, já sei: anda na padiola. No Zézinho já despontam os calos. Há dias, chamei o José; não o Zézinho que esse quando lhe perguntam o nome diz: — *Zézinho Padre Zé Maria*. Chamei pois o José para mostrar a um visitante, por sinal alemão, como os hábitos de trabalho vão acontecendo e ele nem tinha dado conta, que a colher de pedreiro fazia calos.

Estamos finalmente a crescer. Não se pode dizer de todos; é evidente. São porém poucos os que marcam passo. Ainda há momentos a Irmã desabafava a preocupação com alguns na Escola. Estão quinze na quinta-idade. Decidimos que, para não prejudicar os restantes, vão parar por este ano lectivo cujo fim está a chegar. O problema porém não é apenas deles. São os professores. Alguns têm tido uma caminhada nada fácil, ou até nem aguentam.

Há dias foi dispensada uma professora e é provável que um professor no fim do ano o seja também. Temos oito e outros tantos já por aqui passaram. É preciso puxar e quem não aguenta, tem que deixar passar.

Para não dizer que não temos recebido ninguém, assinalamos a volta do Marcos — típico moço da rua; o Marcos, viciado mesmo. Já fez muitas e fugiu. Tem pais bem longe daqui. Foi levado lá, como tentativa de enquadramento familiar. Ao outro dia estava em Maputo. No dia seguinte em nossa Casa. Há meses que não o víamos. Apareceu aqui, mas atrás dele veio alguém a dizer que o tinha roubado. Não era muito. Oito mil meticais. Para lhe dar mais uma oportunidade, regressou à rua, a pedir esmola, até arranjar o dinheiro, e voltar aqui com a pessoa a quem roubou. Cumpriu. Entregou o dinheiro na nossa frente e ficou.

Antes dele, vieram mais dois amores de pequeninos. Abandonados no Hospital José Macamo, antigo Hospital da Missão de São José. De lá foram para as Irmãs de Madre Teresa de

Calcutá, já restabelecidos. O Augusto ainda com marcas de infecção avançada. O diagnóstico era sarna e marasmo. Mas quem o vê hoje, nem acredita. Até na Missa quer acompanhar o ritmo dos cânticos com as pernitais ainda pouco firmes. O Filipe, sempre risonho. Quando não vem para o colo atrapalha a gente, agarrando-se às pernas.

Uma surpresa

O último foi uma surpresa. Deixado a uma amiga, pela mãe que nunca mais apareceu, com alguns dias de nascido. Nem sequer tinha sido lavado ainda! Fui chamado pelo rádio do carro, pois estava na cidade. Pareceu-me que o melhor era procurar um lugar nas Irmãs de Madre Teresa. Mas ele mobilizou o amor da mãe que enriquece a nossa Casa e despertou generosidades latentes. A senhora que ensina costura às jovens da aldeia deu-lhe a primeira mamada e a fome sossegou, e toma conta durante o dia e a noite. A irmã da senhora que ensina os mais pequeninos na escola fica com ele. Mas os

rapazes da Casa já sentem que é deles e vão buscá-lo e trazem-no para cá quando não está a dormir. D. Noémia trouxe da cidade roupa e fraldas quanto basta. Até um carrinho de bebé que ainda não experimentou. Nasceu-nos um príncipe negro. Quem virá a ser esse menino que uma mãe desvaída jogou fora, agora rodeado de carinho e acolhido com tanta alegria pela família da Casa do Gaiato e que fez duas mães vizinhas tão solidárias connosco!

Temo que Deus nos tenha mandado um sinal contrário do que vai acontecer a Moçambique. Todo o mundo a provocar o parto da Democracia e depois, o abandono. Como vai ser ela alimentada até que se fortifique e caminhe por seus pés?

Esta paz que vivemos, até hoje, não é uma pomba branca. Ela há tão poucas, brancas mesmo! Que não seja porém uma pomba branca! As vezes oiço coisas que me levam a pensar. Por mais que este pobre Moçambique queira caminhar, não é mais que uma marioneta.

Padre José Maria

Benguela

A nossa missão

A medida que o tempo vai passando, vamos dando conta da beleza da nossa missão e de quão necessária ela é. A medida que nos deixamos prender por ela, mais livres nos sentimos para ir onde for preciso. A história de cada garoto que nos chega é um empurrão para a frente. Caminhamos conscientes da dureza do caminho que temos diante de nós.

Veio, há dias, um pequeno do Balombo. É uma terra que fica a cerca de cento e oitenta quilómetros de Benguela. Frente de duros combates. Passei por lá tantas vezes, noutros tempos, deliciado com a beleza da paisagem, respeitada pela estrada, a seguir as curvas de nível do terreno, numa intenção clara de provar o que Angola tem de encantador. Terra fértil que não se nega a tudo o que o homem queira semear. Hoje, por certo, mais um pedaço de desolação, a juntar a tantos outros por essa Angola fora.

Pois bem, o pequeno chegou. Tem oito anos, segundo diz. Como os demais, nem um papel a falar da sua identidade, nem de nada. É assim a situação de grande parte das crianças que batem à porta da Casa do Gaiato. Começar de novo, desde a raiz, é a tarefa que nos é confiada. Que tremenda responsabilidade! Dar à luz estes filhos, sem conta, são partos verdadeiramente dolorosos. São precisas entranhas de mãe que não faça contas à vida, que se dê, somente, e mais nada. Ai que é tão difícil amar!

O Adriano Kapaia, nome por que se dá, ele mesmo vai contando a sua história. Estava na sua aldeia com os pais e os irmãos. De repente cai uma bomba. A mãe estava a pisar o milho, donde saía a farinha para comer. Ficou desfeita, em pedaços. O pai tinha ido ao campo e não voltou mais. Talvez, raptado. Os irmãos desapare-

ceram. O Adriano conseguiu fugir e foi acolher-se a casa doutra família que não tinha comida nem para ele nem para outros que lá se tinham refugiado. Por sua iniciativa, dirige-se para o lugar onde os helicópteros costumavam pousar. Agarra-se ao corpo e à roupa de alguém e sobe para o helicóptero. Veio parar ao Lobito. Corre por aqui e por ali, acabando por chegar a casa das Irmãs com uma grande chaga numa perna. A odisséia termina na Casa do Gaiato.

Começa, agora, a segunda gestação desta criança. Não é fácil. Os sinais dum parto difícil começam a aparecer. As marcas gravadas, a ferro e fogo no coração indefeso do Adriano, pesam muito na sua vida. Todo ele é carência. As necessidades vão sendo satisfeitas, a pouco e pouco. Primeiro, trata-se duma criança subalimentada. Diante do prato da comida, fica um pouco paralizado. Já não estava habituado a comer. Por outro lado, a situação, em que viveu, fazia com que pegasse em tudo o que encontrasse à mão, sem qualquer regra. Isto ficou-lhe gravado e permanece para além das necessidades satisfeitas. São os efeitos da carência por que passou. Só com muito amor e com muita paciência se fará a reconstrução duma personalidade normal. Ainda é tempo; por isso, a esperança mantém-se firme.

Multidão de crianças vivem o mesmo drama

O que dizemos deste pequeno pensamo-lo a respeito da multidão de crianças que vieram e vivem o mesmo drama. Ao trazer para este lugar a história do Adriano, vejo nele o símbolo que aponta na direcção certa da realidade em que estamos metidos. Só um ambiente saudável, longe da guerra e de tudo o que a guerra produz,

poderá levantar estes seres caídos. Nesta linha queremos trabalhar.

A escola continua na ordem das prioridades. A falta de soluções definitivas, de momento, vamos para o provisório, com o mínimo de garantias de algum êxito. Eram cento e oitenta, no ano lectivo findo, as crianças que frequentaram a nossa escola, a expensas da Casa do Gaiato. Este ano, estamos a caminho das duzentas e quarenta. E mais não são porque não podemos gastar energias em vão. É um verdadeiro combate a favor da vida. Contamos, apenas, com as forças que Deus nos dá, através do nosso trabalho e da ajuda que recebemos, de fora de Angola, pela Obra da Rua. Temos que comprar tudo a preços exorbitantes. A nossa agricultura, donde tiramos a parte de leão dos meios de subsistência, fruto do nosso trabalho, está seriamente ameaçada pela falta de energia eléctrica e de motores alternativos a gasóleo. Vai, aqui, um S. O. S. a ver se nos chegará a mão, através de algum contentor, que nos possa valer. Costumamos dizer que pedimos «canas para pescar». Já nos chegou a notícia alegre, da parte da Obra da Rua em Portugal, para dizermos o que mais falta nos faz. A relação vai seguir.

Está a prosperar uma geração de novos ricos, em que a preocupação de bens materiais cega e fecha a porta a valores humanos, como a solidariedade. Fazem falta pessoas e obras que, pelo seu testemunho, façam frente a esta corrida desenfreada ao lucro fácil, em que a honestidade deixou de ser o ambiente normal do desenvolvimento das trocas comerciais. O ambiente é outro, ao sabor de benefícios pessoais ou de grupos, sem ter em conta, minimamente, o bem do povo anónimo, com possibilidades para quase nada. Quantas dores de cabeça estamos a passar para que não falte diariamente o pão da sobrevivência a duzentas famílias, mais os filhos, directamente dependentes da Casa do Gaiato, a fim de não voltarem a cair na miséria donde saíram! Não há tempo nem dinheiro para pôr e sobrepor. Damos graças a Deus por tudo o que vai sendo possível fazer-se.

Padre Manuel António

DOCTRINA

...no amor que prestamos aos que sofrem e trabalham.

S. Ioto



QUEM vier de novo e ouvir pela primeira vez as lamúrias desta Obra a bem da criança pobre, talvez me tome à conta de mendigo de feiras, fazendo, como eles, lindas desgraças com lindas palavras e trazendo, em vez de chagas falsas no corpo, filhos alheios no colo — tudo maneiras de ganhar a vida, dirás. Nem admira, pois, se eu perdi a que tinha para ganhar a que tenho agora! Somente te enganas num ponto: é que toda a palavra aqui lançada tem fundamento na realidade; e se realmente me apresento com crianças pela mão não é fazer fita, mas sim ajudar os pais que por falta de meios e de forças lhes não podem acudir. Sim; tenho sempre muito que dizer e muito que pedir, qual mendigo de feiras e romarias.

A criança dá assunto e ocupa sobejamente a vida de quem por ela se interessa. O mundo sem crianças seria, qual convento sem noviços, a ante-câmara da morte. Quantos desgostos por verem morrer seus filhos não desejariam morrer também! Ela perpetua a espécie, segura os haveres, guarda as nossas esperanças. Fiadora das gerações, ela é património vivo de cada um.

A criança é um ser comum. Se lhe tiras a relação de família, ela pertence a todos por causa do seu valor real; e todos, qual o primeiro, disputam a sua posse. Dantes não era assim. Foi necessário que o Filho do Homem viesse chamar por ela e deixar no mundo a Doutrina que a ampara, para que os homens de boa vontade agora a chamem também e procurem defendê-la.

NÃO é mercadoria, a criança; nem o tratá-la é negócio. Quanto mais pobre e abandonada, maior valor ela tem. O sacrifício que cada um faz em servi-la é a medida da recompensa; tamanha que engrandece tudo e é vista de muito longe.

A QUILO que a gente faz e diz no cubículo à criança pobre, pela razão única de ela o ser, é visto, ouvido e conhecido de todo o mundo — porque conhecido de Deus!

D. Amín!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

Família

Outra festa

Outra festa de família muito esperada. Foi o casamento do Carlos e da Anabela. O Carlos «da vacaria», como foi conhecido muitos anos, por ser chefe do grupo tratador do gado e não surgir qualquer problema pelo seu cuidado, transitou para oficina mecânica na cidade e ficou a ser conhecido só por Carlos. Tem o cuidado de todos os nossos carros e tractores que repara, amorosamente, nas suas horas vagas. É nosso há dezanove anos.

O Carlos conheceu uma rapariga sem família. Sempre adoptada. Enamorado-se dela e procurou fazê-la feliz e confiante. Uma rapariga discreta e humilde. Parecem do jeito um do outro. O Carlos e a Anabela querem ser uma família feliz. Para isso casaram.

Dias antes começou o reboliço na cozinha. O Octávio no seu lugar. Tomou a chefia e pôs o avental. Tudo foi ali preparado. Um mundo de coisas

boas a despertar o apetite e a curiosidade de todos. Na véspera, à noite, a sala de jantar ficou um encanto de bom gosto para receber toda a gente.

A capela e seu átrio estiveram a cargo do Mário e do Vitor. Tudo com ar de muita festa e acolhedor. As flores no altar! Os bancos ornamentados! Os cantos enfeitados! O chão bem limpo e encerado! Tudo bem preparado para ali se realizar o Grande Acto.

À hora todos esperavam. Chegou o cortejo com a noiva, recebido com palmas, e entrámos. O grupo coral recebeu-nos com cânticos de alegria. Cantaram sempre com muita alma e contagiaram a assistência. Que bom cantar de festa!

Começou a celebração da Eucaristia. No momento próprio os noivos proclamaram a Palavra de Deus que haviam escolhido:

«No princípio criou Deus o homem e a mulher e deu-os um ao outro.»

«A mulher é o encanto do marido. O seu bom cuidado torna a família feliz.»

Na homilia o sacerdote presidente explanou o sentido do amor. Amor humano que é consagrado no casamento. Amor que não pode enfraquecer. Amor que não pode acabar. Amor que deve aumentar em todos os casamentos. O casal deve viver em situação de noivado para que o amor seja sempre actuante.

Estavam presentes muitos casais novos. Iam acenando, afirmativamente, com a cabeça. Aquela doutrina era também para eles.

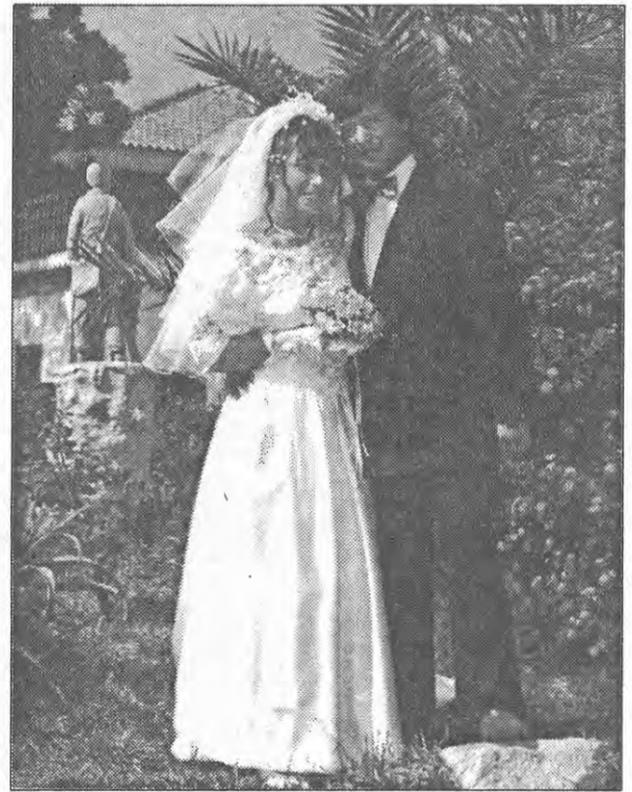
Depois de assinadas as actas foram as fotografias. O Carlos leva no seu álbum, para sua casa, que comprou, lembranças das coisas mais belas que o encantaram.

Seguiu-se o banquete apetitoso e alegre. Todos se saciaram. Ao fim da tarde, outra vez à mesa, a despedida.

O Carlos e a esposa foram os últimos a retirarem-se. Deram a mão a preparar tudo uns dias antes e têm vindo matar saudades os dias depois. Bom testemunho!

Que sejam muito felizes e ajudem a Sociedade a ser mais feliz.

Padre Horácio



Anabela e Carlos

Tribuna de Coimbra

Singularidades dum processo educativo

PAROU de chover. O tempo, porém, não fica seguro. Nuvens densas de encontro à serra correm, precipitando-se nas manchas verdes que restam, poupadas com esforço aos fogos de Verão. Vai continuar a chover. Ontem a nossa eira ficou cheinha de espigas. Incontáveis centenas, doiradas pelo sol do Outono. Era um encanto. À noite disse ao chefe que era melhor guardá-las. Ao meu redor, porém, mil olhos tomados de sono e sonho disseram que não. E, de noite, choveu. A esta hora anda um grupo a recolhê-las.

Tanta espiga; tanto grão! Quase todo recolhido em dia de sábado em que a mão de obra é mais abundante e vigorosa.

Nesta recolha, um envolvimento total da família que somos: pequenos, médios e grandes. Os tractores não param e, num vai-e-vem constante, fazem carrada cheia rumo à nossa eira.

Dezenas de mãos esgueirando-se à espiga alta e farta — que o ano foi pródigo — fazem a recolha. É um espectáculo singular, cheio de beleza e encanto.

Em todo este processo simples e natural não podemos deixar de sublinhar valores de ordem educativa e social sem par. A escola dos livros, das noções abstractas, encontra aqui um forte complemento. A Terra-Mãe, geradora de vida e riqueza, é grande mestra de rapazes oriundos do vício e da rua. Já o Padre Américo, na sua grande intuição de mestre e educador, o desenhara com rara acuidade: «*Dê-se ao rapaz ar puro, terra, árvores com ninhos...; a cada um uma tarefa pela qual responda diante de si e dos outros... — o gosto de comer o pão com o suor do seu rosto...*». Lei natural.

É evidente que o nosso milho já não faz o pão material que comemos. Nem sei se contas feitas a preceito, saldaria os gastos que vão do nascer na terra ao recolher no celeiro.

Mas há uma simbologia que aponta o real e faz escola. O trabalho que vai da sementeira à sacha; do corte da palha à recolha do grão comporta um valor que está para além dos proventos que possam advir ou dos investimentos sem fundo. Está em causa a educação ao trabalho como acção dignificante e a disciplina do desejo face ao consumismo.

Se não fora este envolvimento real, vital e educativo dos rapazes em nossa Casa, teríamos o espírito familiar e solidário transformado em reformatório ou asilo. O que o Padre Américo nunca quis e nós também não.

A nossa eira, o nosso milho; a sacha e a rega; o despotar e recolher do milho — singularidades de um processo educativo de raízes ancestrais, positivo, com uma história a ter em conta em qualquer tentativa de renovação.

Padre João

Continuação da página 1

também nas Escolas onde a crise de autoridade lavra. Que admira, pois, que os jovens escolares em hora da sua vida pouco dada à reflexão e muito à instabilidade e ao gosto da aventura, aproveitem a maré e derivem em vez de navegarem?!

Esta inverdade, esta insanidade da Instituição Escolar fragiliza a instrução que debita e aborta a educação em que devia participar.

Um sinal desta inverdade, desta insanidade: O Vando chegou há dias da grande Lisboa, transferido para a quarta-classe. Perante o facto tão raro entre nós de um miúdo de nove anos neste nível de escolaridade,

ESCOLA

«embandeirámos em arco». Foi-se a testá-lo... Quarta, não. Terceira, também não. Nem segunda. E foi num teste da primeira que se verificou que o Vando não sabe ler nem conhece ainda as letras todas! De contas, a mesma ignorância. Escrever, sim: copia muito bem!

Se o Vando não estivesse aí e eu não visse os papéis que trouxe, tomaria por exagero este relato. Mas o Vando está aí e os papéis também.

Propositadamente este desabafo sai ilustrado por fotografia dos professores da nossa Casa de Moçambique, tirada há dois meses frente ao segundo bloco da casa-mãe em construção.

Ainda não tem três anos aquela Escola. Ainda não tem casa própria. Começou onde podia ser, como podia ser... E agora funciona (é quase um luxo, já!) no que hão-de ser os futuros armazéns agrícolas. Livros e material escolar são os que têm ido de cá e o mais que lá têm de «inventar».

Está já em curso o sétimo ano de escolaridade... e, obviamente, os seis primeiros. A transição dos «anos» (que não de doze meses cada um) tem sido provada, por escrúpulo da Irmã Quitéria, perante juri da Escola oficial moçambique que pouco e mal funciona e até pediu ao Padre José Maria

que avançasse com o oitavo ano. A Escola vive inteiramente à conta da Casa do Gaiato e custa-nos, em vencimentos e transportes, dez milhões e trezentos e quatro mil meticais por mês, ou seja cerca de duzentos e setenta contos nossos.

Se o Padre José Maria pudesse ceder este team e ele se não estragasse nesta Europa de polémicas e reivindicações, nesta civilização de egoísmos e confusões do essencial e acessório, pedira-lhe a transferência dele para renovo do nosso «plantel» e repetia «o grito de Ipiranga» na nossa Escola.

Padre Carlos

Património dos Pobres

Continuação da página 1

Pobres. Ele é reformado e ela educadora-formadora. São catequistas e disseram maravilhas das suas crianças: são amorosas e gratas. São vicentinos e os Pobres acolhem-nos bem e são amáveis. Fazem parte de movimentos de Apostolado onde recebem e comungam muita alegria cristã e muito bem.

Dedicam ainda parte das suas vidas aos drogados e toxicodependentes. Contaram

experiências muito chocantes. Têm conseguido bons resultados. Contaram o caso do pai de família, ainda muito novo, já alcoólico e drogado, a quem a mulher abandonou, levando com ela os filhos pequeninos. O homem, desesperado, recorreu a eles, que imediatamente foram à procura dela e conseguiram juntá-los de novo. Chegaram a casa já passava da meia-noite e ainda não tinham jantado. Contaram o caso do jovem, já drogado, empregado dos seus familiares, que procura mudar de vida e ele mesmo pediu para não mexer na caixa registadora. A seguir fomos ao encontro de alguns Pobres.

Enquanto admiro a sua dedicação a encher os seus corações, e o meu também, penso em tantos casais estereis, com vidas sem valor. Corações vazios, muitas vezes à procura de ninharias e tantas crianças, tantos Pobres à procura de quem lhes dê as mãos!

Na despedida ainda nos ofereceram dois sacos com mimos e um cheque assinado.

Com dois beijos a ela e um abraço a ele, despedimo-nos até breve.

Padre Horácio

PENSAMENTO

Ai que se não fosse a Dor, não haveria no mundo quem soubesse amar!

PAI AMÉRICO

Setúbal

Continuação da página 1

Bate à porta de quem precisa de ti

Se eu dispusesse de vários grupos de famílias que pretendessem adoptar cada uma destas que nos batem à porta todas as semanas, ai!, como o nosso pão seria fecundo e regenerador, como a tua Fé transferiria montanhas e a tua luz alumiará longe!

Mas não. Ficas agarrado ao rasteirinho, ao trivial, ao que os pagãos fazem por irracional sentimento, medo de censura ou de ameaça.

Dás esmola a quem bate à tua porta. Não vais bater à porta de quem precisa de ti. Ainda pertences ao Antigo Testamento. O Novo é dar a Vida, dando Vida. Obrigas-me a passar humilhado: — *Conheci-o tão novo!*

Padre Acílio

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. a imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 763799 - Cont. 800788098 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239